

MISSÃO EM ÁFRICA – A MINHA EXPERIÊNCIA

Queila Guedes¹

A Missão Mãos Estendidas África (MME) convidou um grupo de profissionais a participar num Congresso de Mulheres na Beira em Moçambique, em Agosto de 2015, com o intuito de dar formação concernente a vários temas, incluindo a Amamentação e os Cuidados de Higiene, que me foram atribuídos.

MME é uma organização sem fins lucrativos e tem como objetivo estender as mãos a pessoas carenciadas em África, nomeadamente, em Moçambique, Zimbabué, Zâmbia e Malawi. Além de ajudar muitas famílias com alimentos, roupas e formação, também tem parte ativa num lar de crianças na Beira: Lar Ebenézer, onde as crianças recebem educação escolar e moral, roupa, alimentos, cuidados de saúde e carinho humano.

Sinto-me privilegiada por ter aceite o honroso convite para esta viagem profissional a qual mudou a minha história. Considero que foi uma experiência ímpar.

Participaram desse congresso, aproximadamente, 320 mulheres, a maioria a amamentar os seus bebés, vindas de várias regiões moçambicanas. Grande parte delas não falava português, por isso a nossa comunicação foi sempre através de intérprete.



Um amplo salão na Beira, a segunda maior cidade do país, foi o lugar escolhido para o evento. Durante o dia fazíamos palestras no local e à noite era usado para dormitório.

Elas estendiam as suas esteiras de bambu no chão, deitavam-se sobre elas, cobriam-se com capulanas e ali dormiam com os seus filhos.

A capulana é um pedaço de tecido geralmente colorido de forma alegre e vivaz, o qual é usado de muitas formas: como saia, para carregar o bebé junto ao corpo, para fazer adornos na cabeça, para carregar coisas, etc.

As refeições durante o congresso eram feitas no pátio do salão em fogões improvisados com tijolos no chão. Eram confeccionadas pelas próprias mulheres e servidas em grupos de acordo com a localidade de onde vinham.

O povo é muito pobre, mas muito alegre, unido e recep-

tivo. Fiquei impressionada ao ver mulheres a cantar e a dançar com todas as forças tendo o bebé amarrado às costas com a capulana e usando um calçado velho ou chinelo em um só pé. Quisemos saber o porquê de algumas terem um só pé calçado. A informação obtida causou grande admiração: quando ganham um par de calçado dão um pé a quem não tem nenhum. Nas longas caminhadas quando o pé descalço já está a ferir-se, trocam o pé do calçado e assim continuam. Que atitude admirável!



Durante a minha estadia apresentei sessões sobre Cuidados de Higiene e Amamentação, respondi a várias perguntas que me colocaram, distribuí folhetos sobre aleitamento materno, e ainda atendi particularmente mulheres que estavam a sofrer com fissura no mamilo, mastite, etc.

Estar com essas senhoras no seu meio ambiente e cultural, dar o meu contributo, viver a realidade de pobreza em que elas vivem e ao mesmo tempo ser contagiada com a alegria indizível que expressam, foi uma mais-valia que não tem preço. Enriqueceu-me não só na área profissional –performance, compreensão e visão para trabalhar com essas mulheres no Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE, mas também pessoal - ensinou-me a ser ainda mais grata pelo que temos, onde vivemos e a quem servimos. O meu objetivo de desenvolver o saber e com isto beneficiar o meu local de trabalho foi largamente alcançado.

Segundo Lopes et al, no seu trabalho sobre Multiculturalidade,¹ esta é um fenómeno que está no centro das preocupações dos Estados e é de maior atualidade no mundo globalizado. Os fluxos migratórios são hoje mais rápidos e diversificados, situação presente no nosso país, o que se reflete no nosso Hospital.

Depois deste contato com a cultura e o povo africano, sinto que houve em mim uma ampliação do horizonte de atuações para com as muitas grávidas e puérperas desse continente que passam por nós nesta instituição. Essa ampliação

¹ Enfermeira Especialista em Saúde Materna e Obstétrica, Serviço de Urgência Obstétrica e Ginecológica, Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE, Amadora, Portugal
✉ queila.s.guedes@hff.min-saude.pt

Recebido 04/10/2015; Aceite 05/01/16

levou-me a compreendê-las melhor, identificar-me mais com elas e nutrir ainda mais amor ao servi-las.

Não poderia deixar de mencionar uma visita que fizemos ao Lar Ebenézer na Beira onde há quase 200 crianças lideradas por um casal cristão com três filhos menores. Essa família está a dar a vida por esses meninos e meninas que têm os mais diversos problemas: pobreza, orfandade, doenças, subnutrição, muitos com Sida - inclusive uma menina de 12 anos portadora dessa doença estava em estado terminal. Há crianças com feridas infetadas e os responsáveis, por vezes, nem sequer têm luvas para fazer os pensos. Eu deixei ficar as luvas que tinha, bem como desinfetantes e pomadas doados por laboratórios. Quando os doei ao Lar Ebenézer, a emoção

e gratidão espelhadas no rosto daquela amável senhora responsável, marcaram-me profundamente.

As fotos revelam uma ínfima parte do quão proveitosa me foi esta viagem.

Deixo a minha gratidão a todos que colaboraram na minha deslocação e que me forneceram os materiais, os quais foram muito úteis na minha intervenção onde esses produtos são tão escassos ou até inexistentes.

Não há palavras para descrever o que vi, ouvi e senti. O conhecimento das pessoas que chegam até nós jamais será tão rico enquanto não dermos a nós mesmos a oportunidade de ir até elas.

BIBLIOGRAFIA

1. Lopes, JOSÉ et al "Multiculturalidade Perspectivas da Enfermagem: Contributos para melhor cuidar. Acedido em 2016-01-25 http://www.ordemenfermeiros.pt/projectos/Documents/LPM/LPM_1Multiculturalidade.pdf